



Sociedade & Natureza

ISSN: 0103-1570

ritacmsou@ig.ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia
Brasil

Ferreira Ramos, Ruth Cristina; Rodrigues de Freitas, Simone; Facciolla Passarelli, Silvia
Helena

A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA VEGETAÇÃO NA CIDADE: O CASO DE SANTO ANDRÉ
(SP)

Sociedade & Natureza, vol. 28, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 55-65

Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321347427005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA VEGETAÇÃO NA CIDADE: O CASO DE SANTO ANDRÉ (SP)

A symbolic dimension of vegetation in the city: the case of Santo André (SP)

Ruth Cristina Ferreira Ramos
ramosruth78@gmail.com

Universidade Federal do ABC, Santo André, São Paulo, Brasil

Simone Rodrigues de Freitas
simonerfreitas.ufabc@gmail.com

Universidade Federal do ABC, Santo André, São Paulo, Brasil

Silvia Helena Facciolla Passarelli
silvia.passarelli@ufabc.edu.br

Universidade Federal do ABC, Santo André, São Paulo, Brasil

Artigo recebido em 03/09/2014 e aceito para publicação em 17/02/2016

RESUMO: A vegetação é essencial à cidade e configura-se como uma oportunidade de interação da população com elementos da natureza no meio urbano. Este artigo investiga os significados que são conferidos pela população à vegetação de parques urbanos. Empregando a abordagem qualitativa, a pesquisa ocorreu em três parques urbanos da cidade de Santo André, SP. A entrevista foi utilizada para a identificação, a descrição e a análise dos significados que os vivenciadores dos parques urbanos atribuem à vegetação. Os resultados sugerem que significados simbólicos são atribuídos à vegetação dos parques urbanos de Santo André. O estudo evidencia que a vegetação dos parques urbanos tem o potencial de engendrar a sensação de bem-estar em seus vivenciadores. A dimensão simbólica deve ser reconhecida e incorporada no planejamento e gestão das cidades.

Palavras-chaves: ecologia urbana; parques urbanos; significados; bem-estar; políticas públicas.

ABSTRACT: The vegetation is essential for city and it represents an opportunity to interaction of population with the elements of nature in urban areas. This paper investigates the meanings attached by population to urban parks. Using a qualitative approach, the research was carried out in three urban parks in the city of Santo André, SP. The interview was employed to identification, description and analysis of the meanings that users of urban parks ascribe to vegetation. The findings suggest that symbolic meanings are attached to vegetation in urban parks of Santo André city. The study shows that the vegetation in urban parks has the potential to engender a sense of well-being. The symbolic dimension must be recognized and incorporated into the planning and management of cities.

Keywords: urban ecology; urban parks; meanings; well-being; public policy.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320160104>

INTRODUÇÃO

Os benefícios que a vegetação confere à cidade são distintos e têm sido extensivamente documentados. A vegetação urbana é capaz de atenuar o calor do meio urbano e de melhorar a qualidade do ar (SHINZATO, 2009; MOREIRA, 2010; TOOKE et al., 2011; CAO et al., 2010). Ela também é eficaz na mitigação do ruído urbano, favorece a interceptação e o escoamento da água de chuva e oferece abrigo e alimento para a fauna urbana (ALMEIDA, 2006; SALVI, 2008; SHWARTZ, 2008 e CARBÓ-RAMIREZA et al., 2011). Além de interferir na qualidade ambiental, a vegetação na/da cidade também encerra uma dimensão social, posto que ela ocasiona efeitos na vida humana. Segundo SELHUB e LOGAN (2012) as pessoas tendem a se sentir bem quando estão em contato com a vegetação urbana e o bem estar sucedido desta relação está associado à redução de estresse, ao favorecimento da concentração e à melhora do humor. Acredita-se que o contato visual com o “verde” urbano reduza a fadiga mental porque faz com que os mecanismos neurais descansem e se restabeleçam de forma automática e inconsciente (SELHUB; LOGAN, 2012; LOUV, 2012; BRATMAN et al. 2012). Além da influência na saúde mental humana, a vegetação urbana também se configura como uma oportunidade que pode facilitar interações sociais (PETERS, 2010; LOUV, 2012 e KA’ZMIERCZAK, 2013). Isso porque o convívio nos espaços verdes urbanos está associado à experiência diária com outras pessoas e o possível desenvolvimento de laços sociais.

A vegetação urbana é extremamente relevante para a qualidade de vida da população humana e mais pesquisas são necessárias para se esclarecer quais características do ambiente natural e urbano estão relacionados ao efeito na saúde mental humana, e como os efeitos variam dentro de diferentes contextos culturais e socioeconômicos (KENINGER et al., 2013; DINNIE, BROWN; MORRIS, 2013).

O que entendemos por dimensão simbólica é estar no mundo e conferir sentido às próprias determinações, bem como ao lugar que se ocupa, em um campo de representações (MARQUES, 2006). Cada pessoa está em uma realidade, isto é, está em

um horizonte delimitado da sua vida cotidiana que é admitido como real para ela. As pessoas estão na vida cotidiana em um constante processo de apreensão e a experiência sensorial é à base da sua interpretação do mundo, na qual alguns sinais são ignorados e outros são percebidos (MARQUES, 2006; BERGER; LUCKMAMM, 2011).

As diferentes ideias que se têm da vegetação refletem exatamente a experiência humana de se elaborar e atribuir significados às coisas. Ela só se qualifica como vegetação (ex. nativa, exótica, feia, bonita, importante, irrelevante) de acordo com a compreensão do observador e por conta do sentido que foi dado por ele. Como os elementos de aprendizagem variam de pessoa para pessoa, os significados também variam e o que se vê é apenas uma ou algumas das possibilidades e segundo as escolhas que se prefere enfatizar (MORAES, 2002). O estímulo visual sucedido da observação das plantas gera diferentes pensamentos, sentimentos, ações e reações. E, de acordo com as vivências de cada pessoa, em uma estrutura de referência e interpretação, situada no espaço e no tempo, complexas significações são elaboradas (MARQUES, 2006). Nesse contexto, a pesquisa teve o objetivo de identificar os diferentes significados da vegetação de parques urbanos, do ponto de vista do próprio sujeito, os vivenciadores dos parques, empregando a pesquisa qualitativa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo enfocou parques urbanos da cidade de Santo André que se localiza na Região Metropolitana de São Paulo, na região conhecida como ABC. Com uma população de 678.486 habitantes, 95% de sua população moram na área urbana (SANTO ANDRÉ, 2011). Os espaços verdes públicos existentes hoje no ambiente urbano de Santo André refletem o processo da organização espacial da cidade. As áreas destinadas ao uso público tiveram a sua utilização modificada resultando em poucos lugares disponíveis para a implantação de espaços verdes e de lazer (PEGURER, 2012) e conseqüentemente áreas particulares tiveram que ser desapropriadas para dotar a cidade de parques urbanos (SANTO ANDRÉ, 2007).

Segundo o Sistema Municipal de Áreas Verdes e de Lazer da Prefeitura de Santo André, apesar da cidade possuir dez parques públicos municipais, há áreas da cidade que são muito carentes de espaços verdes e de lazer, especialmente a área sul da Macrozona Urbana, na qual se localizam bairros ocupados por moradores de baixa renda, como é o caso do Jardim Santo André e do Cata Preta. A arborização urbana também é considerada má distribuída, sobretudo nas áreas periféricas (SANTO ANDRÉ, 2007).

A pesquisa foi realizada em três parques urbanos de Santo André: o Parque Ipiranguinha, o Parque Regional da Criança e o Parque da Juventude. O Parque Ipiranguinha constitui o espaço verde urbano mais antigo de Santo André. Criado no final da década de 1930 como um jardim público tornou-se parque em 1995. É densamente arborizado e possui área de 3,63 hectares. Implantado na década de 1980, o Parque Regional da Criança Palhaço Estremilique possui área de 6,64 ha bastante arborizada e com uma grande área destinada ao *playground*. O Parque da Juventude também foi implantado na década de 1990. Sua característica principal é a existência de uma grande rampa de *skate*. Em sua área de 4,07 ha pouca vegetação arbórea, sobretudo quando comparado aos outros dois parques estudados. Quanto à fisionomia da vegetação, o Parque Ipiranguinha e o Parque Regional da Criança têm configurações similares. Há um predomínio de árvores com copas frondosas. O clima nesses parques é agradável devido ao quase total sombreamento da área. A observação da avifauna é constante e em ambos os parques, os vivenciadores têm também a oportunidade de observar corpos

d'água (um lago no Parque Regional da Criança e um chafariz no Parque Ipiranguinha). Já o Parque da Juventude possui a cobertura vegetal herbácea dominante, com poucas árvores, fornecendo poucas áreas sombreadas. Além disso, os ruídos oriundos do trânsito são também bastante perceptíveis e o contato com a fauna urbana é mais raro.

Coleta de dados

A entrevista é o instrumento que possibilita o entendimento do problema na perspectiva das próprias pessoas que vivenciam determinado fenômeno social (PIRES, 2008). Nós optamos pela entrevista dirigida formada por perguntas elaboradas previamente e respostas abertas. Em uma fase “teste” realizamos as entrevistas prévias usando um roteiro inicial, que foi aplicado em um público semelhante àquele que seria investigado, para verificar se os termos estavam adequados e se as perguntas organizadas poderiam conduzir àquilo que pretendíamos descobrir e descrever. Após a fase “teste” realizamos ajustes em algumas perguntas determinando o roteiro para entrevista, apresentado no Quadro 1. Uma das perguntas adicionadas depois da fase “teste” foi se o entrevistado possuía plantas e árvores dentro de casa e em frente à residência, como forma de confrontar o fato do respondente atribuir um significado positivo à vegetação do parque e possuir, ou não, plantas em casa. Nós abordamos somente pessoas que no momento da entrevista não estavam praticando alguma atividade física e, em seguida, foi explicado ao participante o objetivo da pesquisa e solicitada autorização para a gravação da entrevista.

Quadro 1 – Roteiro da entrevista

- 1.Nome:
- 2.Há quanto tempo você frequenta este local?
- 3.Com que frequência?
- 4.Como você chegou a este parque?
- 5.Você pode me informar em que bairro mora?
- 6.Você pode me informar a sua idade e sua atuação ocupação?
- 7.O que lhe motivou a visitar este local hoje?
- 8.O que primeiro lhe traz à mente quando pensa nesse parque?
- 9.O que mais lhe chama a atenção na paisagem a sua volta?
- 10.O que a vegetação deste parque significa para você?
- 11.Você tem jardim ou plantas dentro da sua casa? E na frente da sua residência?

Org. dos autores

Na pesquisa qualitativa não há determinação prévia do número de entrevistas e cabe ao pesquisador trabalhar nortead pelo que PIRES (2008) define como princípio da diversificação e saturação empírica. O princípio de diversificação aplica-se para o caso de um grupo restrito, no qual se deve buscar a maior diversificação interna possível: escolher homens, mulheres, jovens, idosos etc. Trata-se, portanto, de um estudo em profundidade de um grupo restrito. O segundo princípio da saturação empírica remete ao momento de se parar de coletar dados. O ponto de saturação ocorre quando o pesquisador julga que as entrevistas não estão mais assinalando informações suficientemente novas, que justifique a ampliação do material empírico.

Análise dos dados

Os dados da entrevista foram analisados por meio de uma abordagem mista (LAPERRIÈRE, 2008) em que as categorias são definidas *a priori* e também a partir dos próprios relatos obtidos nas entrevistas. Primeiramente as entrevistas foram transcritas e inseridas em um *software* de apoio a análise de dados qualitativos, o Weft QDA para procedermos à técnica de codificação. Weft QDA é um software gratuito para análise de dados qualitativos que permite a seleção de trechos de um texto – como a transcrição de entrevistas – e a aplicação de códigos (FENTON, 2006). Adotamos o método proposto por GIBBS (2009) para realizar a análise e codificação dos dados. A codificação foi o processo analítico fundamental da nossa pesquisa. Com ela identificamos as passagens das entrevistas transcritas que exemplificaram ideias. Posteriormente, conectamos as ideias a um código que recebeu um nome que as representam. À medida que a categorização ocorria, códigos particulares baseados na especificidade dos relatos das entrevistas foram criados. O material foi submetido a uma comparação constante e posteriormente os códigos foram agrupados e organizados em um diagrama. O arranjo dos códigos em um diagrama derivou da identificação de um tema que pareceu ser central e do estabelecimento de relação entre os códigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos vivenciadores dos parques

O material empírico compõe-se de vinte e nove entrevistas. Dez entrevistas ocorreram no Parque Ipiranguinha, dez entrevistas no Parque Regional da Criança e nove entrevistas no Parque da Juventude. Como base no princípio da diversificação da pesquisa qualitativa (PIRES, 2008) abordamos pessoas de diferentes características, totalizando uma amostra formada por 15 homens e 14 mulheres. Os participantes tinham idade entre 16 e 79 anos, predominando a faixa etária de 31 a 40 anos, seguida pela faixa etária de 61 a 70 anos.

Quanto à ocupação, dentre as 29 entrevistas, cinco homens e uma mulher declararam possuir atividade remunerada. Todos os participantes que disseram não possuir atividade remunerada são mulheres. Nove se declararam donas de casa e duas como estudantes. Nove homens e duas mulheres informaram que são aposentados e dois homens se declararam na condição de desempregado. Constatamos assim que a maior parte dos entrevistados é de aposentados e donas de casa.

Os entrevistados moram na vizinhança imediata, em bairros mais distantes e em outras cidades, particularmente os entrevistados do Parque Regional da Criança. O Parque Ipiranguinha é frequentado predominantemente pela vizinhança imediata, enquanto que no Parque da Juventude, os entrevistados moram nas proximidades ou em bairros mais distantes.

Em relação ao tempo que os participantes conhecem o local, há um predomínio de entrevistados que visitam os parques de um a cinco anos. Os entrevistados do Parque da Juventude são os que informaram conhecer o local há menos tempo: em torno de um a cinco anos. No Parque Regional da Criança há um entrevistado de 62 anos que informou que conhece o local “desde que nasceu”. Já no caso do Parque Ipiranguinha o grupo é mais diverso, mas cabe ressaltar que predominaram os entrevistados que conhecem o local há mais 41 anos, sendo que três declararam que o conhecem desde a infância. Quanto à frequência de visita ao local, houve predominância

de entrevistados que frequentam o local de 3 a 4 vezes na semana. No Parque da Juventude e no Parque Regional da Criança predominou a frequência de visita de 3 a 4 vezes na semana. No Parque Ipiranguinha houve a predominância de visitantes que frequentam o local diariamente.

Dos doze entrevistados que responderam que não têm plantas em sua residência, nove justificaram o motivo e três não justificaram. Como justificativa dada pelos respondentes, cinco relataram que moravam em apartamento, dois que o quintal é pequeno, um porque mora em lugar ruim e um justificou que mora de aluguel. É relevante observar que embora nós não tenhamos perguntado o porquê dos participantes possuírem ou não vegetação em suas casas, a maior parte justificou o motivo.

Os vivenciadores que participaram desta pesquisa possuem o hábito de visitar os parques urbanos e diferentes motivos os levam a esta prática, quais sejam: a possibilidade de convívio social e familiar, a oportunidade de distração, o favorecimento da concentração e da sensação de tranquilidade, a chance de praticar uma atividade física e a chance de estabelecer contanto com o elemento natural. Morando nos bairros adjacentes ou em bairros mais distantes e mesmo em outras cidades, os vivenciadores vêm à possibilidade de interação com a vegetação urbana dos parques como um momento agradável de suas vidas, que os influenciará positivamente ocasionando a sensação particular de bem-estar. A existência de um espaço público na cidade, no qual o elemento natural é visivelmente evidente configura-se como uma circunstância para a experiência da natureza e é neste momento que diversos significados são atribuídos a ela.

Foram identificados sete significados simbólicos atribuídos à vegetação dos parques pesquisados, quais sejam: bem-estar; coesão social; tempo; beleza cênica; qualidade ambiental; mundo natural e lugar.

Vegetação é bem-estar

Todos os entrevistados citaram a sensação de bem-estar advinda do contato com a vegetação no parque. De acordo com os vivenciadores é por meio

do contato com o mundo natural – “o verde”, “as árvores”, “a preservação”, “a floresta”, “a calmaria dos passarinhos”, “as flores” – que eles sentem bem. Diferentes sensações atreladas ao bem-estar foram descritas, como “paz”, “tranquilidade”, “relaxado”, “sossego”, “esquecer os problemas”, o que evidencia que a sensação de bem-estar está relacionada ao bem-estar psíquico, conforme demonstrado nos seguintes depoimentos:

- “Eu gosto de ver, eu me sinto muito bem (entrevistado 1)”.
- “(O parque) é uma coisa boa do bairro que ficou de benfeitoria para os moradores daqui. [...] Quando vejo árvore, água eu fico alegre (entrevistado 10)”.
- “Eu me sinto bem, é um lugar de refúgio dentro do complexo urbano (entrevistado 18)”.
- “Ah, eu sinto uma paz. Você sente paz, eu me sinto bem (entrevistado 24)”.

Vegetação é oportunidade para coesão social

Diversas citações dos entrevistados refletem que o parque é uma oportunidade de interação social, ou para o convívio com outras pessoas que estão no parque ou para o convívio com os familiares, sobretudo com filhos e netos. As citações dos vivenciadores mostram que realizar a interação social em meio ao espaço verde urbano é importante, pois está relacionado à sensação de bem-estar. Há uma real intenção de ir até um local com vegetação:

- “Eu morei muito tempo na Vila Alpina em São Paulo e depois em São Mateus. Nos últimos 10 anos estou em Santo André. Pra mim mudou da água para o vinho porque a cidade tem muito verde. Você quer sair com seu filho, anda dois, três quilômetros e já está na área verde. Isso aqui é uma maravilha. Tem bastante verde, árvore, eu acho um espaço legal para as crianças brincarem (entrevistado 12)”
- “Trouxe meus netos para passear. É muito bom para criança que ficam dentro de casa, só em frente ao computador (entrevistado 14)”.

- “Trazer meu netinho para curtir um lugar maravilhoso. Para ele deixar o estresse dele aqui (entrevistado 19)”.

Vegetação evoca o tempo

O tempo é um elemento associado ao parque e ele abrange diferentes significados: o de memória da própria infância, o de memória do local da infância e o de se pensar na geração futura. Os participantes que relataram o significado de memória expressam que estimam o local ou o “verde”, por causa da relação que existe entre o lugar e as boas recordações. O significado de tempo não foi encontrado no Parque da Juventude, somente nos demais e predominando no Parque Ipiranguinha. Apresentamos algumas falas que denotam este significado:

- “Eu nasci aqui neste bairro, eu conheço desde moleque. Vinha pegar coquinho aqui, antes de virar parque. Conheço desde que era chácara. Eu lembro da minha infância e da infância dos meus meninos. Aqui é a minha segunda casa (entrevistado 10)”.
- “Eu venho aqui desde a minha idade de 07 anos. Desde criança a gente costuma chamar de Parque do Tamoio, porque tinha o cinema ali, o cinema Tamoio. Eu lembro da minha infância, praticamente eu me criei aqui. Vinha brincar muito, era todo dia, eu morava perto. Vinha sozinho, com os irmãos, com o colega. Fico aqui só recordando a infância que eu passei aqui dentro. [...] Tem importância de paz e de boas recordações (entrevistado 25)”.
- “Eu gosto muito do verde. Eu fui criada na roça, né? Eu vim para cá tinha 18 anos. Nossa, é muito bom, eu falo que tinha vontade de morar no meio do mato (entrevistado 14)”.
- “É muito importante porque os espaços acabaram. Não tem muito espaço. Tem muita criança e pouco parque. E essa geração que está vindo? Pra falar a verdade tem muita gente e pouco espaço (entrevistado 11)”.

Vegetação é bela

Um relato bastante frequente refere-se ao fato do vivenciador ressaltar a beleza cênica dos parques. As pessoas apreciam “o verde” e “as árvores” porque os julgam como belo. Neste caso, é a oportunidade de olhar o belo que promove a sensação de bem-estar, como se pode observar nos seguintes relatos:

- “Nossa, eu sinto uma alegria tão grande. Eu sempre gostei de natureza. Quando vejo árvore, água, eu fico alegre. Me sinto bem pra caramba (entrevistado 10)”.
- “Quando eu olho para o verde, pra mim sempre traz paz. O verde é muito bom em qualquer lugar (entrevistado 15)”.
- “Eu gosto dessas árvores com flores. Chama atenção, é natural, é muito bonito. Eu gosto. Eu acho bonito, acho lindo (entrevistado 24)”.
- “Olha eu gosto muito de ver as árvores, aqui tem pássaros que a gente fica ouvindo. Agora tem essa água, que hoje está parada, mas tem também essa água. [...] Eu não sei o nome dessas árvores grandes, mas eu acho elas maravilhosas. São árvores muito velhas, estão aí florescendo, dando folhas e flores, nos períodos certo. E no tempo da primavera tem as flores, tem bastante flores aqui (entrevistado 28)”.

Vegetação é qualidade ambiental

Diversos participantes mencionaram preocupação especial com a qualidade ambiental da cidade e com o impacto que a vegetação tem na melhoria das condições ambientais desfavoráveis. A vegetação é apreciada porque consegue provocar melhorias na qualidade do ar e na temperatura do ar, que são benéficas às pessoas. Ter espaços verdes na cidade também foi apontado como algo benéfico. É interessante notar que há entrevistados que, ao destacarem a presença da vegetação urbana, se recordam e mencionam a ausência do “verde” na cidade. Abaixo seguem alguns relatos que elucidam este item:

- “Parece que tem um ar mais gostoso, sente um ar diferente, mesmo que tem os carros, tem as árvores que puxam a poluição. Quem tem

árvore, tem terra, é outra vida (entrevistado 3)''.

- “Ir pra casa nesse calor não dá né moça? Eu falei: vou lá para o parque pegar um ar frio (entrevistado 11)”.
- “Por causa da poluição aí fora, a gente vive muito, é uma correria pra lá e pra cá, uma poluição. E, chega aqui você respira melhor. Os poucos minutos que a gente fica aqui, já descarrega um pouquinho daquela tensão. Bom, pra mim funciona (entrevistado 25)”.
- “Eu acho assim né, pra gente que mora em cidade, tem trânsito, tem poluição. Eu vindo e sentando aqui e só sentando no banco como eu estava, eu me sinto bem. É tudo motorizado, ar pesado, principalmente neste tempo, você nota. O céu está sujo, né? Devia até ter mais parque no centro (entrevistado 26)”.

Vegetação faz parte do mundo natura

Apesar de indicar uma informação óbvia, o que se destaca na informação dos vivenciadores é que a vegetação é entendida como elemento da natureza que é visível na cidade. É um componente que os faz lembrar-se de outras formas de vida e a oportunidade de olhar para um elemento natural faz com que os participantes se sintam bem. Além de relatarem um julgamento de que o mundo natural é belo (citações codificadas no item a vegetação é bela), os participantes tributam respeito e consideração, demonstrando uma veneração pelo mundo natural. A árvore foi o elemento natural mais citado. Os relatos abaixo evidenciam este significado:

- “Pra falar a verdade o que eu gosto mesmo é dessas folhas, desse verde aí. Você vê essas árvores e percebe que servem de alimento para os passarinhos. Você vê como a natureza é (entrevistado 11)”.
- “A arborização, as águas. É incrível uma cidade totalmente urbanizada, como é que tem tanta água? É incrível. A água aparece quando tudo é asfaltado. O lago é água das minas daqui. É um fenômeno (entrevistado 12)”.

Vegetação como lugar

Os relatos dos entrevistados evidenciaram que o parque é um espaço da cidade, onde se desenvolve um sentimento de afeto pelo local. Em decorrência das experiências que são vivenciadas por eles, o parque torna-se um lugar da cidade dotado de valor e significado, como pode ser observado nas citações abaixo. Cabe destacar que citações já mencionadas em outros códigos também demonstram o sentimento de afeição do vivenciador pelo parque e pela vegetação.

- “É uma coisa boa do bairro que ficou de benfeitoria para os moradores daqui. [...] Aqui é a minha segunda casa (entrevistado 10)”.
- “Eu gosto muito do entorno, de tudo, das árvores. Ainda hoje andando por aí, eu pensei: eu moro mais longe daqui, eu moro no Parque das Nações, quase Santa Terezinha. Eu até vou ao Parque Pignatari, mas esse aqui é o mais querido, é mais limpo, mais bonito. Eu gosto disso (entrevistado 16)”.

Em síntese, constatamos que a vegetação dos parques estudados significa bem-estar. Ela é entendida como algo que favorece o bem-estar das pessoas. Todos entrevistados mencionaram que se sentem bem quando estão em contato com as plantas e o fato de se sentir bem em um espaço verde urbano ocorreu nos três parques estudados. Apesar do Parque da Juventude ter poucas árvores, não houve por parte dos vivenciadores desse parque qualquer relato que mostrasse um descontentamento com as condições do local. Pelo contrário, as respostas são semelhantes às obtidas nos outros parques. Apesar de possuir menos cobertura vegetal quando comparado com outros parques urbanos, o espaço se configura como um local no bairro que tem vegetação, muito mais que no seu entorno, o que pode ser uma explicação do motivo de ele ser apreciado. Provavelmente, em dias muito quentes e com sol forte, a menor área sombreada pode se tornar uma questão mais relevante e, até uma restrição para o uso do parque para alguns vivenciadores.

Ao mesmo tempo em que a vegetação

representa bem-estar ela faz com que as pessoas lembrem-se da ausência de paz, da escassez de tranquilidade e da privação da saúde física. São associações antagônicas que foram verificadas nos discursos produzidos. De modo semelhante, a vegetação também remete a falta de qualidade ambiental, ao ar poluído e a ausência do verde na cidade. Em nossa entrevista não foram observados sentimentos negativos atribuídos à vegetação nos parques estudados.

O significado de bem-estar que a vegetação dos parques urbanos estudados expressa é condizente com um crescente número de pesquisas que tem demonstrado que a vegetação urbana influencia na sensação de bem-estar (KENIGER et al., 2013; LOUV, 2012; SELHUB e LOGAN, 2012; GRINDE; PATIL, 2009). As descobertas mais recentes da neurociência têm demonstrado que o contato com a vegetação afeta o ser humano, por mais que existam diferenças no tipo de resposta (SELHUB; LOGAN, 2012). No entanto, estas pesquisas abordam o “verde” urbano. Parece-nos então que a sensação de bem-estar e os significados atribuídos à vegetação de tranquilidade, paz, alegria, bem como o de belo (beleza cênica) não ocorre diante de qualquer vegetação, mas no espaço verde urbano. E mais, não em qualquer “verde” urbano, pois outros fatores parecem interferir, como a necessidade de uma sensação de segurança (TROY; GROVE; O’NEIL-DUNNE, 2012). Diferenças na configuração da vegetação de um espaço verde urbano podem resultar em diferenças no potencial que a vegetação tem de engendrar a sensação de bem-estar.

O contraste entre o ambiente natural e o ambiente construído da cidade parece ser um aspecto que influencia na significação da vegetação, assim como a localização da vegetação. Os resultados obtidos nos permitem demonstrar que a vegetação dos parques urbanos é importante para seus vivenciadores e que a significação da vegetação está circunscrita ao espaço físico no qual ela se encontra, o que denota que não é qualquer tipo de planta situada na cidade que é valorizada e, neste sentido concordamos com Keniger et al. (2013) que mais pesquisas são necessárias para o entendimento de quais tipos de espaços e vegetação estão relacionados à sensação

de bem-estar.

A vegetação é percebida como um elemento no meio urbano que fomenta e possibilita o convívio social e familiar e o aspecto mais importante neste significado é que há a intenção de conviver com a própria família e com outras pessoas em um espaço verde urbano. SPARTZ; SHAW (2011) também verificaram que a experiência social em um espaço verde urbano é vista como relevante, inclusive para as crianças já que os adultos entendem que o parque urbano é um importante local para levá-los. Monico (2001) identificou que o fato de se poder conversar com o vizinho embaixo da árvore é valorizado de maneira positiva pelos moradores. Para Louv (2012) os espaços verdes encorajam a interação social e pode também facilitar a ligação entre pais e filhos.

Ao observar a vegetação, as pessoas se lembram da própria infância, ou porque conhecem o local desde que eram crianças ou porque o “verde” os faz lembrar suas origens. Farah (2004) também verificou que este significado é atribuído à vegetação da orla do Rio de Janeiro e SPARTZ; SHAW (2011) observaram que memórias do tempo passado é um significado central e comum associado aos espaços verdes urbanos.

A melhoria das condições adversas da cidade pela vegetação também é um aspecto notado pela população. Pesquisas demonstram que os moradores da cidade reconhecem os efeitos ambientais da vegetação urbana e o consideram significativo (FARAH, 2004; MONICO, 2001; SMITH et al., 2012). O efeito da vegetação de efetivamente interferir e melhorar as condições do meio urbano dos aspectos relacionados à saúde ambiental, não deixa de ser também um significado simbólico atribuído pelas pessoas.

Ademais, a vegetação da cidade incentiva à lembrança dos outros seres vivos e daquilo que não é humano. A pessoa se percebe em interação com o mundo natural quando ela olha para a vegetação urbana e é indiscutível que as árvores são um elemento de destaque na paisagem dos parques estudados. Árvores grandes e velhas, e flores são constantemente indicadas como elementos que atraem o olhar. A fauna que existe nos parques urbanos é apreciada pela população, sobretudo a avifauna urbana que é

notada pelo seu canto constata. Pesquisas recentes têm demonstrado que há associação positiva entre a biodiversidade e a sensação de bem-estar da população (IRVINE et al., 2010).

Quando são atribuídos significados simbólicos relacionados aos valores afetivos à vegetação urbana, ela pode ser considerada como pertencente às pessoas. A vegetação é entendida como algo que pertence à população (SPARTZ; SHAW, 2011). Nós também encontramos o significado de espaço pertencido em nossas entrevistas.

Além disso, consideramos que a inserção de uma pergunta sobre a existência de vegetação em casa não foi suficiente para inferirmos uma contradição de sentimentos que pode existir com relação às plantas. Contudo, ela mostra que o fato de não se ter plantas dentro ou em frente às moradias não representa uma aversão ou um sentimento negativo à vegetação urbana. A preocupação que os entrevistados tiveram em se explicar também pode ser visto como um indicativo. O fato da pessoa não possuir plantas ou árvores pode não estar relacionado aos seus significados pessoais mais ao contexto da própria organização do espaço urbano. Monico (2001) verificou que sentimentos negativos não estão relacionados à árvore em si, mas aos problemas que podem decorrer dela, como o entupimento de calhas e a danificação de calçadas.

Os diferentes significados identificados para a vegetação de parques urbanos de Santo André indicam que o “verde” da cidade é repleto de profundos significados. Mostra também que os parques estudados são importantes locais da cidade onde ocorre a interação com o elemento natural. Nossos resultados sugerem que a vegetação dos parques urbanos de Santo André tem significado de bem-estar e que esses espaços se configuram como locais do ambiente urbano onde ocorre a afiliação à natureza.

Consideramos que ter encontrado resultados semelhantes aos que estão sendo publicados no hemisfério norte é relevante porque indica que a vegetação urbana é importante para a população. Essas pesquisas, assim como a nossa, evidenciam que a necessidade do ser humano de ter contato com o mundo natural poderá ser suprida também

nos espaços verdes urbanos, o que demanda que o seu planejamento e gestão estejam contemplados na agenda das políticas públicas. De outro ponto de vista, o fato da natureza construída das cidades ser satisfatória para a interação do ser humano com o elemento natural pode sugerir que a vegetação nativa não é essencial para isto. Entender se as áreas de remanescentes florestais do Brasil possuem capacidade de engendrar sensação de bem-estar na população, assim como os espaços verdes urbanos, parece ser uma questão chave para pesquisas futuras que considerem a especificidade da realidade brasileira.

Os resultados demonstram que é necessária uma postura que contemple a complexidade, que é inerente à questão do planejamento e da gestão da vegetação urbana. O componente simbólico deve ser valorizado e incorporado nos projetos das paisagens urbanas. Uma nova forma de gerir as questões ambientais na cidade é imperativa, como expressado por Pereira (2006, p.191):

Esses novos tempos em que vivemos requerem, portanto, enfoques cada vez mais plurais, relacionais, pedagógicos e processuais, de tal forma que possibilitem uma abertura para ações coletivas de construção da paisagem da cidade.

Por fim, entendemos que é necessário que se promova a interação das pessoas com a natureza na cidade e isto vai além de uma política pública que enfatize unicamente o valor da biodiversidade ou exclusivamente se preocupe em garantir um meio-ambiente saudável. Em um mundo em que a maior parte da população já vive no meio urbano e que se tornará cada vez mais urbanizado, é necessário se pensar nas maneiras que permitirão (re)aproximar as pessoas ao elemento natural.

AGRADECIMENTOS

O artigo resulta de pesquisa de mestrado realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. L.; Brito S. S. S. L. *O valor das árvores. Árvores e floresta urbanas de Lisboa*. Tese (Doutorado em Arquitetura Paisagística). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2006. 342 p.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 33ª. edição. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRATMAN, G. N.; HAMILTON, J. P.; GRETCHEN, C. D. The impacts of nature experience on human cognitive function and mental health. In: *Annals of the New York Academy of Sciences*, 2012, pp. 118-136. DOI: 10.1111/j.1749-6632.2011.06400.x
- CAO, X. et al. Quantifying the cool island intensity of urban parks using ASTER and IKONOS data. *Landscape and Urban Planning*, v. 96, n. 4, 2010, pp. 224-231. DOI: 10.1016/j.landurbplan.2010.03.008
- CARBÓ-RAMÍREZ, P.; ZURIA, I. The value of small urban greenspaces for birds in a Mexican city. *Landscape and Urban Planning*, v.100, n. 3, 2011. pp. 213-222. DOI: 10.1016/j.landurbplan.2010.12.008
- DINNIE, E.; BROWN, K. M.; MORRIS, S. Community, cooperation and conflict: negotiating the social well-being benefits of urban greenspace experiences. *Landscape and Urban Planning*, v. 112, 2013, pp. 1-9. DOI: 10.1016/j.landurbplan.2012.12.012
- FARAH, I. Árvores e população: as relações que se estabelecem no contexto da cidade. *Paisagem Ambiente*, v. 18, 2004, pp. 99-120. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i18p99-120>
- FENTON, A. Weft QDA User's Manual. Disponível em: <http://www.pressure.to/qda/doc/weft_manual-en.pdf>. Acesso em: 20 de fev. 2014.
- GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GRINDE, B.; PATIL, G. G. Biophilia: does visual contact with nature impacto on health and well-being? *Internacional Journal of Environmental Reserch and Public Health*, v. 6, 2009, pp. 2332-2343. DOI: 10.3390/ijerph6092332
- IRVINE, K. N. et al. Ecological and psychological value of urban green space. In: MIKES, J.; JONES, C. *Dimensions of the sustainable city*. Londres: Springer, 2010.
- KA'ZMIERCZAK, A. The contribution of local parks to neighbourhood social ties. *Landscape and Urban Planning*, v. 109, n. 1, 2013, pp. 31-44. DOI: 10.1016/j.landurbplan.2012.05.007
- KENIGER, L. E. et al. What are the benefits of interacting with nature? *Internacional Journal of Environmental Reserch and Public Health*, v. 10, 2013, pp. 913-935. DOI: 10.3390/ijerph10030913
- LAPERRIÈRE, A. A teorização enraizada (*grounded theory*): procedimento analítico e comparação com outras abordagens similares. In: POUPART, J.; et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3a. ed. Petropolis: Vozes, 2008. Pp. 353-385.
- LOUV, R. *The nature principle: reconnecting with life in a virtual age*. Estados Unidos: Algonquin Books, 2012. 330 p.
- MARQUES, M. O. *Saberes e valores em interlocução na educação*. Ijuí-RS: Ed. Unijuí, 2006. 206 p.
- MONICO, I. M. *Árvores e arborização urbana na cidade de Piracicaba, SP: um olhar sobre a questão à luz da educação*. Dissertação (Mestrado em Ciências). Piracicaba: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz da Universidade de São Paulo, 2001. 165 f.
- MORAES, V. S. *Uma ideia de natureza baseada em concepções científicas e filosóficas (pós-) modernas*. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002. 139 f.
- MOREIRA, T. C. L. *Interação da vegetação arbórea*

e poluição atmosférica na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências). Piracicaba: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz da Universidade de São Paulo, 2010. 80 f.

PEGURER, C. *Terras públicas e usos privados: áreas reservadas no parcelamento do solo: um estudo de caso para o município de Santo André*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2012. 239 f.

PEREIRA, R. I. *O sentido da paisagem e a paisagem consentida: projetos participativos na produção do espaço livre público*. Tese (Doutorado em Arquitetura). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2006. 218 f.

PETERS, K.; ELANDS, B.; BUIJS, A. Social interactions in urban parks: Stimulating social cohesion? In: *Urban Forestry & Urban Greening*, v.9, 2010, p. 93–100.

PIRES, Á. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, J-P.; GROULX, L-H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, Á. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 154-214.

SALVI, L. T. *Contribuições para a gestão urbana: corredores de vegetação para avifauna em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado Gestão Urbana). Curitiba/Paraná: Pontifícia Universidade Católica, 2008. 196 f.

SANTO ANDRÉ. (Prefeitura). *Plano Municipal do Sistema de Áreas Verdes e de Lazer de Santo André*. 2007. 101 p.

SANTO ANDRÉ. (Prefeitura). *Anuário de dados 2011*. Santo André: 2012. 383 p.

SELHUB, E. M.; LOGAN, A. C. *Your brain on nature: the science of nature's influence on your*

health, happiness, and vitality. Canada: Wiley, 2012. 248 p.

SHINZATO, P. *O impacto da vegetação nos microclimas urbanos*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009. 173f.

SHWARTZ, A. et al. How do habitat variability and management regime shape the spatial heterogeneity of birds within a large Mediterranean urban park? In: *Landscape and Urban Planning*, v. 84, 2008. p. 219-229.

SMITH, J. W. et al. The effects of place meanings and social capital on desired forest management outcomes: a stated preference experiment. In: *Landscape and Urban Planning*, v. 106, 2012, p. 207-218.

SPARTZ, J. T.; SHAW, B. R.; Place meanings surrounding an urban natural area: a qualitative inquiry. In: *Journal of Environmental Psychology*, v. 31, 2011, p. 344-352.

TOOKE, T. R. et al. Tree structure influences on rooftop-received solar radiation. In: *Landscape and Urban Planning*, v.102, 2011, p. 73-81.

TROY, A.; GROVE, J. M.; O'NEIL-DUNNE, J. The relationship between tree canopy and crime rates across an urban-rural gradient in the greater Baltimore region. In: *Landscape and Urban Planning*, v. 106, 2012, p. 262-270.

